

TÓPICOS EM ADMINISTRAÇÃO

ELIZÂNGELA DE JESUS OLIVEIRA
RUTE HOLANDA LOPES
MARIA ELIANE BARBOSA LACERDA
LÉIA MARIA ERLICH RUWER
(ORGANIZADORAS)

Volume 41



Editora Poisson

Ano
2021

Capítulo 17

Humanidades digitais em ambientes digitais de informação

Francisco Carlos Paletta

José Fernando Modesto da Silva

Marcos Luiz Mucheroni

Resumo: As Humanidades são próximas à Ciência da Informação, ao menos na cartografia atual de classificação das áreas de estudo, visto que está no grupo de áreas como as ciências sociais aplicadas, mas a tecnologia nem tanto. Uma questão a ser respondida está associada a relação entre as humanidades e as tecnologias usadas em Ciência da Informação. Este artigo busca através de uma abordagem epistemológica nova da transdisciplinaridade, o conceito das humanidades em ambientes digitais e a análise de aplicações práticas relacionadas aos projetos que evoquem o conceito aplicado na área da ciência da informação (CI). O objetivo é identificar a pertinência e como se dá o envolvimento das Humanidades Digitais no campo da Informação, entretanto, acrescenta-se o termo “em ambientes” para inserir e precisar o conceito na CI. Em termos metodológicos, o estudo reporta-se como pesquisa exploratória e descritiva elaborada a partir de análise da literatura consultada. Considera que as Humanidades Digitais se configuram em um campo interessante de investigação, além de desempenharem papel inovador em um mundo no qual, não há o único produtor, gestor, e disseminador de conhecimento ou cultura, mas inclui a todos como tendo este potencial.

Palavras-chave: Humanidades Digitais. Tecnologia. Transdisciplinaridade. Epistemologia.

1. INTRODUÇÃO

A área das Humanidades é próxima à Ciência da Informação, ao menos na cartografia atual de classificação das áreas de estudo, visto que está no grupo de áreas como as ciências sociais aplicadas, mas a tecnologia nem tanto, então qual a relação entre as humanidades digitais e as tecnologias usadas em Ciência da Informação.

Segundo comenta Portela (2013) a utilização do termo “Humanidades Digitais” desde a última década tem crescido como forma de designar um paradigma de investigação que pressupõe a assimilação dos processos automáticos dos meios digitais como recurso de mudança metodológica na produção de conhecimento nas humanidades. Entretanto, o termo passou a se constituir em um descritor de publicações periódicas, coleções de livros, projetos de pesquisa e novos programas de ensino. Demonstra que se trata de uma tendência com implicações nos modelos atuais e futuros da pesquisa e da organização da informação.

Essa tendência demonstram a relação existentes entre elas e as razões por detrás do significativo interesse através do desejo de transdisciplinaridade. As humanidades digitais não são novas, nem emergem espontaneamente; baseiam-se mais numa convergência de áreas do que numa revolução (DEUFF, 2018).

A emergência do conceito de Humanidades Digitais, segundo Guerreiro e Borbinha (2014), encoraja uma abordagem trans ou interdisciplinar. Embora os autores optem pela tradução, em português, como Humanidades Digitais (*Digital Humanities*), observa-se pela abrangência do termo que a tradução mais adequada seria Humanidades e Ambientes Digitais. Ademais, tratamos de objetos de estudo de naturezas distintas, ao menos por enquanto, não há humanos híbridos digitais, então acreditamos que a relação se dá em ambientes *online*.

Os trabalhos de Kirschenbaum (2012) e Fitzpatrick (2012) do qual se baseou a tradução do termo, adota a designação de *digital humanities* tomando como base de análise a obra *Companion to digital humanities* (SHREIBMAN, SIEMENS e UNSWORTH, 2004), e que fez uso do termo em alternativa a outro termo: *humanities computing*, o qual já era uma mera evolução de um novo serviço para uma nova prática (Haylers, 2012 apud Guerreiro e Borbinha, 2014).

Embora alguns autores adotem o termo interdisciplinar, os signatários do *Manifeste des Digital Humanities* já a declaram-na transdisciplinar, ou seja:

Para nós, *digital humanities* referem-se ao conjunto das Ciências humanas e sociais, às Artes e às Letras. As humanas digitais não negam o passado, apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas, *savoir-faire* e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital. A *digital humanities* designam uma transdisciplinar, portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das ciências humanas e sociais. (DACOS, 2011).

Faz-se um breve adendo que o termo “*Humanities*”, em língua inglesa, tem um significado mais amplo como uma área que envolve as Ciências Sociais.

Humanidades em Ambientes Digitais, que passamos a usar de modo alternativo a Humanidades Digitais, nada mais é que uma mudança nos métodos e formas de trabalhar a partir de mudanças nos processos de trabalho, mas a maioria dos autores sobre Humanidades (em Ambientes) Digitais vê nisto um desafio epistemológico (GONÇALVES, BANZA, 2013; GUERREIRO, BORBINHA, 2014).

Este desafio, entre vários outros, incorpora saber quais são os impactos culturais e sociais desta nova realidade, tentando responder deste modo as questões históricas e filosóficas que daí emergem. Assim, torna-se necessária uma abordagem epistemológica que a investigue mais a fundo os conceitos envolvidos.

Digitais, apesar de um viés generalista, emerge como um campo interdisciplinar proposto a abrigar reflexões e práticas suscitadas pelas mudanças geradas com a introdução das tecnologias digitais no universo das Unidades de Informação. Entende-se que o surgimento das Humanidades Digitais aponta para a mudança do processo de comunicação como um todo. Nesse campo caberia, ainda, distinguir os vários territórios e enfoques, que variam dos mais pragmáticos aos mais teóricos.

É possível não se fixar no puro aspecto epistemológico, evitando uma discussão essencialmente filosófica, se verificarmos que já aparecem como consequência nova área de pesquisa Humanidades em Ambientes Digitais, aplicações em linguística, computação, história e literatura, e estas por sua vez, todas com uma conexão clara com a tecnologia da informação.

Ainda que, estas vertentes de aplicação tenham fragilidades (GUERREIRO E BORBINHA, 2014), o cenário das aplicações poderá ajudar a consolidação e discussão menos abstrata deste campo emergente. Aplicações em áreas já conhecidas na computação que agora também tem incidência sobre a Ciência da Informação a saber: representação visual de dados complexos (*webmapping*) conhecida na computação como visualização científica (*scientific visualization*); referenciação geográfica que adota o mesmo nome da computação (GIS – *Geografic Information System*); e diversos tipos de indicadores científicos estatísticos, de análise de Redes Sociais e Web Semântica, e separando Redes de Mídias Sociais, aplicativos.

A transdisciplinaridade se refere a projetos que envolvem, claramente, grandes áreas e disciplinas como História, Geografia, Estatística, Ciência da Informação e Computação, e um dos projetos que podem ser citados é *The Spatial History Project*, da Universidade de Stanford, que já tem a área de *Digital Humanities* em seu curso e que, historicamente, está próxima ao vale do silício.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva elaborada a partir de análise da literatura consultada, composta de material bibliográfico: livros, artigos de periódicos, trabalhos apresentados em eventos e sítios da Web relacionados ao tema abordado. Neste intento, selecionaram-se textos sob a temática das humanidades digitais, com enfoque no aspecto da transdisciplinaridade, e da tecnologia. Visando relacionar ao contexto da Ciência da Informação, com vista a identificar as possibilidades em termos conceituais e de ações aplicadas em programas ou projetos temáticos relacionados com a área da CI. Mostra-se necessário também conhecer os efeitos do termo humanidades digitais na reconfiguração de processos de organização e tratamento da informação.

3. EPISTEMOLOGIA DAS HUMANIDADES EM AMBIENTES DIGITAIS

O recente debate que se origina em torno da questão das humanidades em ambientes digitais, pode seguir um caminho mais pragmático como o de Kathleen (2012):

Para mim, tem a ver com o trabalho que é feito no cruzamento de estudos de mídia digital e estudos humanista tradicionais e que acontecem de duas maneiras distintas, por um lado, ele está trazendo as ferramentas e técnicas de mídia digital auxiliar sobre as humanistas tradicionais, por outro lado, ele também está trazendo modos humanísticos de dar suportes em mídias digitais.

Ao compreender a complexidade do tema exposto, pode-se de forma clara entender que se trata tipicamente de uma questão transdisciplinar. É desejável uma ampliação das consequências e usos das técnicas em que emergem neste novo cenário de contato com a CI. Assim Humanidades Digitais dá lugar a questões humanas em Ambientes Digitais.

A abordagem interdisciplinar pode ser entendida como um estudo “horizontal” entre disciplinas (RONDINARA, 2016) que permitem uma melhor compreensão de determinado objeto de pesquisa, devido à sua complexidade traz, porém, uma questão para o método de pesquisa.

Alguns pesquisadores consideram esta abordagem insatisfatória, porque o fato de adotar um método de uma disciplina pode tornar esta tentativa reducionista vinculando-a a uma das disciplinas na abordagem interdisciplinar. Optam pela abordagem transdisciplinar que considera que as disciplinas operam dentro de fronteiras estáveis que tem seus próprios métodos e materiais, e a origem de um horizonte unitário que as integrando a um ambiente mais elevado dentro de uma axiomática comum a um conjunto de disciplinas. Neste sentido, faz, portanto, uma integração de certa forma “vertical” neste conjunto de disciplinas, e a categoria principal é operar esta integração de tal forma que ultrapasse as disciplinas sem perder o foco no objeto que é tema do estudo transdisciplinar, assim agora, encurtamos para Humanidades Digitais.

A operação que se propõe, portanto, é localizar este objeto na CI dentro dos dispositivos clássicos da área, como unidade de informação, bibliotecas, arquivos e museus. Ademais, considerando aspectos humanitários e tecnológicos que vem de abordagens de outras áreas.

4. BIBLIOTECA DIGITAL E OS DESAFIOS DAS HUMANIDADES DIGITAIS

As tecnologias digitais têm um impacto profundo sobre a maneira que muitos pesquisadores das áreas das ciências humanas realizam e compartilham os resultados de seus estudos. Uma vez que um texto é digitalizado, mesmo as mais simples ferramentas de busca permitem aos usuários interagir com os textos de novas maneiras. Os meios digitais abrem novos modos de divulgação e novas formas de apropriação da informação contida nestes textos, que são muito diferentes da proposta impressa. Ao mesmo tempo, esses recursos digitais podem mudar radicalmente a audiência e o alcance do trabalho realizado pelos pesquisadores das áreas das ciências humanas (RYDBERG-COX, 2006).

Segundo Maia (2001), as ciências exatas desenvolveram as tecnologias e recursos computacionais hoje disponíveis, cabe às Humanidades aproveitá-la da melhor forma possível. Para o desenvolvimento destas áreas distintas, a transdisciplinaridade é imperativa. Porém, vários desafios ainda se fazem presentes, como a falta de acesso aos recursos computacionais e tecnológicos. Apesar das melhoras formativas, ainda é frágil a formação dos profissionais da área. Requer, portanto, maior volume de publicação científica relacionada ao tema, para amenizar a dificuldade encontrada nos modelos de gestão e dos processos de mudanças em função do “status quo”. Indica a necessidade de inovação nos currículos universitários formando profissionais preparados para lidar com as Humanidades Digitais.

Para muitas bibliotecas digitais, a crescente disponibilização das tecnologias tem demonstrado uma ambiguidade em seu gerenciamento, ou insere, ou exclui. No aspecto positivo, estas novas tecnologias ajudam a aumentar a produtividade operacional. Por exemplo, numa biblioteca, as tecnologias podem:

- Aprimorar o processo de tomada de decisão;
- Permitir desenvolver novos serviços informacionais; e
- Atender ao usuário nas necessidades de busca, acesso e apropriação de informação.

A gestão consolidada do ambiente de trabalho exige que as bibliotecas digitais adotem uma abordagem holística orientada a pessoas, processos, resultados e tecnologia em todo o ambiente tecnológico e não exclua dispositivos úteis.

As constantes mudanças nas formas de organização tradicional da informação presentes em ambientes informacionais digitais são reflexos da incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), como no caso das bibliotecas e repositórios digitais, que armazenam, preservam, disseminam e permitem o acesso à produção intelectual agregando recursos que possibilitam o processo de construção do conhecimento, a partir da participação colaborativa aplicada em diferentes ambientes.

O *design* tecnológico de uma biblioteca digital deve ser concebido com foco em maximizar o uso dos recursos computacionais que agregue valor aos usuários de suas bases de dados. O principal desafio enfrentado pelos profissionais de bibliotecas digitais é construir sistemas que ofereçam ferramentas alinhadas com as demandas de acesso, apropriação e usos da informação e seja capaz de atender as mais diferentes comunidades de usuários.

No contexto da Biblioteca 2.0 a maior parte dos pesquisadores concordaria que muito do que as bibliotecas desenvolveram na primeira revolução da Web foi estático. Por exemplo, catálogos online de acesso público (OPACs) exigem que os usuários busquem a informação. Do mesmo modo, a primeira geração de biblioteca online foi constituída de textos tutoriais estáticos. O que não atendiam às necessidades dos usuários, nem permitiam a interação entre uns com os outros.

As bibliotecas, porém, tem começado a evoluir numa estrutura mais interativa, meios de comunicação social e rico em tutoriais, animações programadas com o uso de banco de dados mais sofisticados. A Web Semântica, nas bibliotecas, pode ser uma ferramenta que possibilite a gênese de uma base de conhecimento constituída a partir da inteligência coletiva. Pode, ainda, ser também ferramenta para a gestão do conhecimento que facilite, de maneira interativa, a descoberta dos mesmos. Passamos de uma biblioteca para o usuário, para uma biblioteca centrada no usuário, baseado nas novas Plataformas de Serviços de Bibliotecas (LSPs).

Para Rydberg-Cox (2006), biblioteca digital não pode ser confundida com as redes de acesso aberto de dados não estruturados como as que encontramos na Web. A literatura acadêmica apresenta diversas definições e focamos neste trabalho duas abordagens: uma que se concentra no contexto institucional da biblioteca e seus usuários e outra que foca em seus conteúdos, elas aparecem integradas agora nas LSP (*Library Service Platforms*).

Em 1998, o Digital Library Federation apresentou a seguinte definição sobre biblioteca digital:

“Bibliotecas Digitais são organizações que fornecem recursos, incluindo pessoal especializado, para selecionar, estruturar, acessar, interpretar, distribuir, preservar, e garantir disponibilidade das coleções digitais ao longo do tempo às comunidades de usuários” (WATERS, 1998).

“Uma biblioteca digital é concebida como uma coleção organizada de informação, uma coleção focada de objetos digitais, incluindo texto, vídeo e áudio, juntamente com métodos de acesso e recuperação, seleção, organização, e manutenção das coleções” (WITTEN, BAINBRIDGE, 2003).

A humanidade vive em um daqueles raros momentos de oportunidades de transformação histórica-cultural onde temos o potencial de desempenhar um papel criativo em apoiar as humanidades digitais na era da informação em rede.

As soluções de Plataformas de Serviços de Bibliotecas (LSP) vem nesta direção:

“As plataformas de serviços de bibliotecas são fornecidas através do modelo *Software-as-a-Service* (SaaS) - no qual o software não é mais comprado e instalado, mas usado por meio de uma assinatura. O modelo SaaS é considerado uma tecnologia disruptiva que gera novos processos, novas formas de fazer, criando um novo valor” (TONDING, VANS, 2018).

Importa, acrescentar, que uma plataforma de serviços de biblioteca descreve um tipo de sistema de gerenciamento de recursos de biblioteca com um conjunto de características que diferem substancialmente do gênero antigo de sistema integrado de gerenciamento de biblioteca. Neste contexto, havia uma preocupação com o sistema integrado, não considerando as expectativas com uma nova geração de produtos e serviços (BREEDING, 2015).

Segundo Burduick (2012), Humanidades Digitais representa uma importante expansão das ciências humanas, precisamente porque traz os valores, as práticas de representação e de interpretação, as estratégias, complexidades, e ambiguidades do ser humano em todos os domínios da experiência, do conhecimento e do significado.

Humanidades Digitais estão associadas a novos modos de aprendizagem, colaboração institucional, pesquisas transdisciplinares e computacionalmente envolvidas, ensino, e publicação científica. Humanidades Digitais é menos um campo unificado e mais um conjunto de práticas convergentes que exploram um universo no qual a impressão não é mais o meio no qual o conhecimento é produzido e disseminado.

5. APLICAÇÕES DAS HUMANIDADES EM AMBIENTES DIGITAIS

Segundo Alexander (2014), os enfoques destinados à promoção do trabalho das humanidades digitais variam de uma instituição para outra. Ao citar o caso do campus universitário, observa que a coordenação das ações e programas no tema pode ser exercida pelas bibliotecas. Assim, docentes e pesquisadores, interessados em prospectar as humanidades digitais, têm o desafio de criar caminhos que possibilitem identificar recursos que ajudem na adoção e exploração do tema, no processo acadêmico.

Afinal, as bibliotecas são especialmente adequadas em atender as necessidades de pesquisadores humanistas digitais; por agirem na unificação das diversas disciplinas; facilitar o diálogo entre áreas; promover ideais como o livre acesso e a preservação; e defender inovações acadêmicas e pedagógicas. Em realidade, entende-se que as bibliotecas podem desempenhar um papel fundamental no apoio e promoção científica sob aspecto das humanidades digitais.

Schaffner e Erway (2014) destacam que as bibliotecas podem alavancar essas diferentes interpretações e ajudar os pesquisadores na percepção dos resultados que procuram. Em relatório patrocinado pela OCLC

(*Online Computer Library Center*), os autores apresentam a necessidade e complexidade dos investimentos para apoiar programas sob enfoque das humanidades digitais com diversos modelos.

Um destes modelos se dá no ambiente do ensino superior, onde ocorre o compromisso das bibliotecas em liderar as transformações, agora, sob a inserção das humanidades digitais. Assim, as bibliotecas incorporam compromisso com a descoberta por meio de atividades de pesquisa, as práticas de ensino e aprendizagem da comunidade universitária; além de poderem servir como conectores entre colaboradores para trabalho sob abrangência das humanidades digitais.

Neste sentido, exemplo é destacado por Maron (2015) ao comentar a influência das humanidades digitais, no ambiente e missão da biblioteca universitária. É o caso do Centro Científico Digital da Biblioteca da Universidade de Brown, cuja equipe é composta por bibliotecários de humanidades digitais, bibliotecários de dados científicos e ciência sociais, e demais membros da equipe especializados em tecnologias digitais.

Como decorrência desta reconfiguração da equipe da biblioteca, uma nova posição funcional foi criada, a de gestor de serviços científicos digitais com a finalidade de coordenar os estudos científicos digitais, incluindo os estudos relacionados com o tema das humanidades digitais.

Segundo o autor, as novas diretrizes incluíram um foco na produção científica e publicações digitais, auxiliado pelo apoio financeiro da *Andrew W. Mellon Foundation*. O apoio permitiu ao Centro atuar estreitamente com os pesquisadores e docentes no desenvolvimento de publicações digitais interativas; estabelecimento de novos critérios para avaliação e promoção desta produção da universidade; e, também, a de criação de novas formas de publicações. Ademais, a biblioteca envolveu-se no planejamento de um estúdio digital dedicado à produção científica.

Essas mudanças também propiciaram a criação de novas funções na biblioteca: *digital preservation librarian*; *digital scholarship editor*; e *information designer for digital scholarly publications*. Para a Universidade de Brown, estes fatos representam o futuro das bibliotecas. À medida que a infraestrutura básica para a produção científica se expande os bibliotecários irão trabalhar lado a lado com o corpo docente e discente através de todas as etapas do processo de pesquisa, incluindo a seleção e a gestão dos recursos, a análise, documentação e projeto de conclusões, e a disseminação e preservação dos trabalhos acadêmicos, sob o conceito e aplicação de princípios das humanidades digitais.

Saindo do espaço universitário, as influências das humanidades digitais se manifestam em outros projetos. Neste aspecto, é destacado por Guerreiro e Borbinha (2014) o projeto português baseado em tecnologia 3D denominado: LX Conventos – da cidade sacra à cidade laica. E que resulta na criação de um mapa 3D da cidade de Lisboa, e no qual envolve informações sobre os conventos.

Na sua concepção, foi necessário estudo sistemático e integrado, sobre o impacto da extinção das ordens religiosas no desenvolvimento, funções e imagens da nova cidade secular. O projeto iniciado em 2013 fez uso de mapas antigos e atuais, fotografias, maquetes, tec. A integração das informações deu-se através do reconhecimento automático dos monumentos, com respectiva validação humana.

A situação demonstra, segundo Damian (2015), que estudos sobre o uso dos recursos midiáticos na mediação de informações em instituições culturais apresentam-se importantes e com potencial exploratório significativo para o campo da Ciência da Informação.

Outro projeto, destacado por Guerreiro e Borbinha (2014), é o *Perseus Digital Library* caracterizado como uma pesquisa em humanidades digitais, e na qual se construiu bibliotecas digitais orientadas para disponibilização de conteúdos de pesquisa que possibilitam a utilização e reutilização de informação para criação de conhecimento.

A adequação das bibliotecas digitais está em poder criar uma dinâmica nova na pesquisa. É o caso da *European Library* um recurso colaborativo que torna acessível cerca de 10 milhões de páginas de jornais, entre outras informações. Explora a adequação das bibliotecas digitais as novas necessidades de agilidade para pesquisas, conforme ilustração da figura 01:

Figura 01 – *The European Library*

Fonte: *The European Library*, 2021 – Disponível em: <https://bit.ly/2PjPLdg>

A *European Library* é uma organização independente e sem fins lucrativos, que reúne serviços de biblioteca apoiado pela CENL (*Conference of European National Librarians*). Sua finalidade fortalece a atividade bibliotecária no continente europeu. Possibilita uma maior exposição dos recursos digitais e registros bibliográficos. A missão é o de servir de hub de dados aberto para os dados bibliotecários na Europa.

No exemplo da *European Library*, pode-se situar o comentário de Damiani (2015) ao destacar que o estudo exploratório das Humanidades Digitais se torna relevante para a área da Ciência da Informação, uma vez que interesse para ambas as áreas a aplicação de tecnologias que permitam a mediação e maior acessibilidade da informação.

Observa-se que as Humanidades Digitais englobam o conjunto de pesquisas, ações e experiências cujo objetivo tende a facilitar e tornar intuitiva a utilização dos recursos digitais no âmbito das ciências sociais e humanas. Conforme comenta Guerreiro e Borbinha (2014, p. 64):

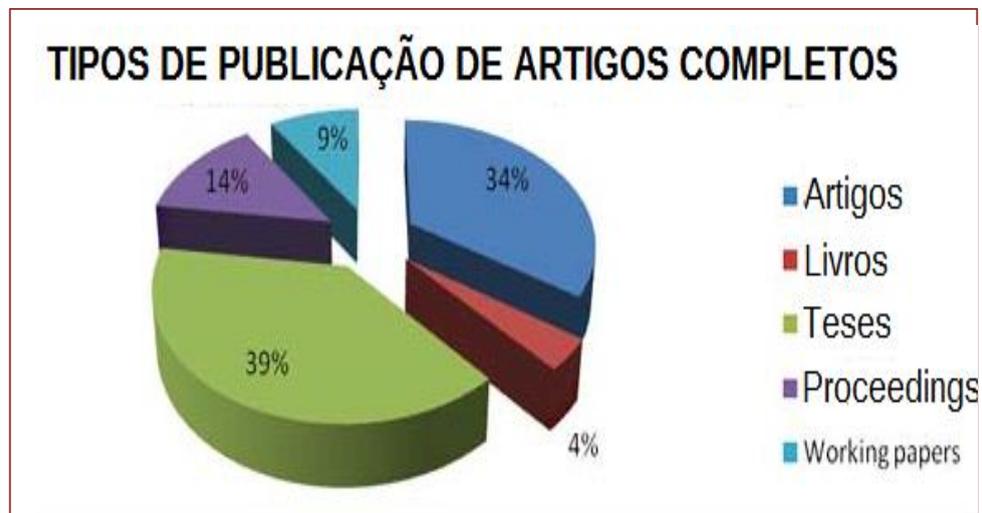
O conceito de Humanidades Digitais procura conciliar os conhecimentos e os métodos utilizados nas ciências sociais e humanas com o mundo digital. Numa primeira fase, as ações no âmbito das Humanidades Digitais centraram-se em digitalizar e disponibilizar fontes primárias, começando agora a impor-se o objetivo de construir e facultar ferramentas para a análise dessas fontes e para as expor, para que a aquisição cognitiva seja mais imediata e intuitiva.

Outro projeto inclui a perspectiva das publicações ampliadas (MUCHERONI, MODESTO, PALETTA, 2015), explorando aspectos da literatura cinzenta e com enfoque em investigar quais são as atualidades sobre problemas de descrição de metadados, questões situadas em regiões cinzentas de literatura, agora situada na Web e repositórios institucionais.

Repositórios institucionais, que segundo análise feita por Vernooy-Gerritsen, Pronk e Van Der Fraaf (2009) para a União Europeia, visualizando publicações no formato OAI-PMH, e que incluiu, além da Europa, países como a: Noruega, Suíça e Croácia, por exemplo, revelaram crescente porcentagem de publicações científicas. Os autores salientam que a estimativa de 280 a 290 repositórios de pesquisa situados na Europa significa que - quando comparado com o número de universidades, de 593 de acordo com a *European University Association* - Quase metade delas já implementou um repositório de pesquisa institucional.

A figura 02 ilustra a importância dos repositórios e a tipologia de documentos disponibilizados para a consulta.

Figura 02 - Distribuição das Publicações na Europa



Fonte: Vernooy-Guerritsen, Pronk e Van Der Fraaf, 2009

A implicação com o tema tratado das Humanidades Digitais está no fato destas, mais do que apenas focar conteúdos em linha, envolvem uma mudança na forma de produzir, armazenar e disseminar pesquisa.

Assim, o objetivo das Humanidades Digitais é muito maior do que a simples transferência de meio, centrando-se no desafio epistemológico, isto é, sobre o modo como se chega ao conhecimento (GONÇALVES E BANZA, 2013).

Os projetos mencionados ou citados apontam para o fato de as Humanidades Digitais estarem sendo pensadas como uma nova forma de propor ou solucionar os problemas de pesquisa em humanidades e de organizar informação, sem menosprezar o processo científico, e da atenção à complexidade e da análise e interpretação em profundidade (GUERREIRO e BORBINHA, 2014).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Humanidades Digitais configuram-se como um campo interessante de investigação. Entretanto, Guerreiro e Borbinha (2014) consideram que o principal desafio desta investigação é a definição de modelos genéricos para a sistematização do conceito aplicado ao compartilhamento (reuso) da informação; o que faz com que os projetos e programas desenvolvidos até o momento seja ainda um processo isolado como uma ilha.

Neste sentido, observa-se do exposto na comunicação apresentada, que as Humanidades Digitais não são um campo unificado, mas um conjunto de práticas convergentes que exploraram um universo no qual o impresso não mais um espaço exclusivo em que o conhecimento é produzido e/ou disseminado; ao contrário, o impresso está absorvido em novas configurações multimídias; e em ferramentas e técnicas digitais que alteram os meios de comunicação, de produção e de disseminação do conhecimento nas ciências sociais, humanas, e artes, por exemplo.

As Humanidades Digitais parecem desempenhar um papel inovador em um mundo no qual, não há o único produtor, gestor, e disseminador de conhecimento ou cultura. Assim, na citação do caso da Universidade de Boston, generaliza-se que as universidades são chamadas a moldar o discurso acadêmico para as esferas nativamente digitais (a web, a blogosfera, as bibliotecas digitais, dentre outros), de maneira a modelar a excelência e a inovação nestes domínios, e para facilitar a formação de redes de produção, intercâmbio e difusão do conhecimento que são tanto locais, quanto globais. E neste cenário se nota a convergência positiva com a Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

- [1]. ALEXANDER, L. Librarians and Scholars: Partners in Digital Humanities. Educausereview, june 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/pcsSPO>>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- [2]. BREEDING, M. Library Services Platforms: a maturing genre of products. Chicago: American Library Association, 2015. (Library Technology Reports). Disponível em:< <https://bit.ly/3d0v5z6>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

- [3]. BURDUICK, A. et al. Digital humanities. Cambridge: MIT Press, 2012.
- [4]. DACOS, M. Manifesto das digital humanities. ThatCamp, Paris, 26 mars 2011. Disponível em: <<http://tcp.hypotheses.org/497>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- [5]. DAMIAN, I. P. M.; ALMEIDA, M. A.; MELLO, T. A. V.; RODRIGUES, P. B. Convergências entre as Humanidades Digitais e a Ciência da Informação. *Ibersid*, vol. 9, p. 79-82, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/F0wP7K>>. Acesso em: 29 jun. 2016.
- [6]. DEUFF, O. Le. Digital Humanities: History and Development. Londres: John Wiley & Sons, 2018.
- [7]. FITZPATRICK, K. The humanities, done digitally. In: GOLD, M. K. (Ed.). *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012. Disponível em: <<http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/30>>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- [8]. GONÇALVES, M. F.; BANZA, A. P. In limine. In: GONÇALVES, M. F.; BANZA, A. P. (Eds.). *Património textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*. Évora: CIDEHUS, 2013. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/10468>>. Acesso em: 26 jun. 2016.
- [9]. GUERREIRO, D.; BORBINHA, J. L. Humanidades Digitais: novos desafios e oportunidades. *Cadernos BAD*, n. 1, p.63-78, Jan./Jun., 2014.
- [10]. KATHLEEN, F. Digital Humanities Network. University of Cambridge. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.cam.ac.uk>>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- [11]. KIRSCHENBAUM, M. G. What is digital humanities and what's it doing in english departments. In: GOLD, M. K. (Ed.). *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012. Disponível em: <<http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/38>>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- [12]. MAIA, B. As humanidades e a informática. In: Livro de Actas de Encontro de Questões Pedagógicas, Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras (p. 27-35), 2001.
- [13]. MARON, N. L. The digital humanities are alive and well and blooming now what? *Educausereview*, Sep./Oct. 2015.
- [14]. MUCHERONI, M. L.; MODESTO, F.; PALETTA, F. C. Entre a publicação ampliada e a multimodalidade. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação, XVI (ENANCIB), 2015, João Pessoa, Pb. Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes. *Anais. João Pessoa: ENANCIB, 2015*. v. 1. p. 1-20.
- [15]. NICOLESCU, B. La transdisciplinarité: manifeste. Monaco: Editions du Rocher, 1996. Disponível em: <<https://basarab-nicolescu.fr/BOOKS/TDRocher.pdf>>. Acesso em: março de 2021.
- [16]. PORTELA, M. Humanidades digitais: as humanidades na era da Web 2.0. *Impactum: Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra*, vol. 10, n. 38, out. 2013.
- [17]. RONDINARA, S. Multi-, Inter- e Transdisciplinarità nella sinergia tra saperi, Curso de férias. São Paulo: Instituto Universitário SOPHIA, julho de 2016.
- [18]. RYDBERG-COX, J. A. Digital libraries and the challengers of digital humanities. Oxford, UK: Chandos Publishing, 2006.
- [19]. SCHAFFNER, J.; ERWAY, R. Does Every Research Library Need a Digital Humanities Center? Dublin, Ohio: OCLC Research, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/GUHUY8>>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- [20]. SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (eds.). *A companion to digital humanities*. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/companion/>>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- [21]. TONDING, S. J.; VANS, S. A. S. Plataformas de Serviços de Bibliotecas: a evolução dos sistemas para gerenciamento de bibliotecas, *Perspectivas da Ciência da Informação*, v. 23, n. 4, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3lXGpQR>>. Acesso em: 19 de março de 2021.
- [22]. VERNOOY-GERRITSEN, M.; PRONK, G.; VAN DER FRAAF, M. Threen Perspectives on the Evolving Infrastructure of Institutional Research Repositories in Europe. *ARIADNE*, n. 59, 2009. Disponível em: <<http://www.ariadne.ac.uk/issue59/vernooy-gerritsen-et-al>>. Acesso em: 26 jun. 2016.
- [23]. WATERS, D. J. (1998). What are digital libraries. *Council on Library and Information Resources*, n. 4, 1998. Disponível em: <https://www.clir.org/pubs/issues/issues04.html> . Acesso em : 25 jun. 2016.
- [24]. WITTEN, I. H.; BAINBRIDGE, D. How to Build a Digital Library. San Francisco, CA: Morgan Kaufmann Publishers. 2003.